

## Reflexões e Considerações Finais

A fim de facilitar as reflexões e as considerações finais que farei a seguir, retomo os questionamentos e objetivos que nortearam este trabalho.

As questões foram basicamente buscar entender como funcionam as relações de poder, distância e afeto entre pais e filhas, no contexto da família em foco; como os participantes se colocam nessas interações; quais os mecanismos e/ou estratégias de interação assumidos por cada participante; quais são os papéis sociais e/ou interacionais assumidos; o que ocorre do ponto de vista da família como um grupo social, tendo em vista as perguntas anteriores; e, por fim, quais as concepções de família construídas e como ficam as expectativas de cada membro da família em relação aos novos modelos familiares, qual a reação dos participantes diante das identidades em mudança?

Os objetivos propostos neste trabalho foram mostrar como cada pessoa/participante, em seus papéis interacionais, produz sua fala/interação; como as identidades são construídas na relação entre o 'eu' e o 'outro' e, finalmente, como se articulam as identidades pessoais e de grupo no contexto da família. Procurei identificar os alinhamentos e enquadres que ocorrem durante os acontecimentos familiares e analisar como alguns membros da família se enfrentam criando situações conflituosas, enquanto que outros procuram de alguma forma manter discursivamente a harmonia e a solidariedade na família.

Os resultados da análise, neste trabalho, revelam a importância dos estudos interacionais da vida na família como suporte para nosso entendimento dos conflitos que se estabelecem entre determinados membros da família em eventos interacionais; as identidades pessoais de membros da família que se constroem na relação um com o outro e as identidades de família como um grupo social.

Esses resultados indicam que os participantes empregam recursos que mudam os enquadres e alinhamentos familiares, criando e mantendo relações de hierarquia e solidariedade numa co-construção de suas identidades.

A seguir, discutimos os resultados e fazemos reflexões de ordem teórica que nortearam este estudo.

## 8.1

### Discussão sobre os resultados das interações

A análise dos dados das gravações feitas nos momentos de interação e das entrevistas com cada membro da família permite compreender melhor como cada um, no uso de suas identidades, emprega estratégias de interação nos conflitos cotidianos e de que maneira essas estratégias afetam a relação dentro da família.

Foi possível verificar uma relação complexa entre as identidades sociais e as expectativas de pais e filhas nos momentos de interação, bem como identificar as relações de hierarquia e afetividade nas relações familiares.

Na primeira atividade de fala analisada, na qual o pai estava sendo aguardado para o almoço pela mulher e as filhas, e, já bastante atrasado, chega e comunica que havia almoçado, pude perceber que os participantes interagem discursivamente criando situações de progressão emocional na construção do conflito, Ana Clara não aceita a autoridade do pai e se rebela a todo momento num enquadre de enfrentamento, e Mariana e a mãe empregam recursos de afetividade que visam a promover mudança de alinhamento e enquadre entre os participantes e garantir a harmonia na família.

Numa segunda interação, agora à mesa do café da manhã, Ana Clara reclama do alimento, Aurélio reage à reclamação da filha, cria-se uma situação de conflito e, novamente Mariana e a mãe tentam mudanças de enquadre para finalizar o conflito e recuperar a harmonia familiar. Aqui pude observar, segundo Gumperz (1999<sup>a</sup> *apud* Pereira, 2002:9), que os atos de fala realmente sinalizam posturas alinhadas dentro da família e que tal posicionamento se constrói no curso das falas dos participantes, na própria seqüência da realização das tarefas familiares.

Essa interação evidencia, ainda, o fato estudado por Tannen (2003) de que os conflitos são mais sentidos na família, que é uma instituição hierárquica e unida, onde há claramente uma relação de poder e em que, nos momentos de interação, procura-se encontrar o ponto certo entre proximidade e distância.

Tannen afirma que, caso esse equilíbrio não seja conseguido, essas relações podem ser vistas como uma ameaça à individualidade, à hierarquia e à afetividade, fato muito comum no relacionamento entre pais e filhos. O que está em jogo para Ana Clara é a orientação defensiva da própria face (cf. Goffman, 1980:67 *apud* Pereira, 2002:16) muito mais que a preocupação com a hierarquia ou a face do pai.

Há nesse momento um alinhamento claro entre Mariana e sua mãe no sentido de quererem garantir a harmonia familiar, elas sentem-se no direito de apontar quando o outro está fazendo algo que entendem ser uma ameaça. Esse alinhamento das duas confirma o que Tannen (2003:57) classifica como o poder dos alinhamentos e afirma que este reside em trabalhar indiretamente para fortalecer laços entre alguns membros da família ao mesmo tempo em que deixa outros de fora.

Numa outra interação em que estão presentes o pai e as filhas voltando da escola, é evidente como uma situação rotineira, ainda que iniciada de maneira formal e cordial, pode se transformar em uma situação de conflito dependendo do que é dito e/ou de como é dito. Ficou claro que a comunicação é realmente uma atividade social que requer esforços que são negociados pelos participantes e que os julgamentos são confirmados ou modificados pelas reações evocadas um no outro.

Para finalizar este momento das reflexões, retomo a última situação analisada, Aurélio levando Ana Clara e duas amigas a um show. Nessa tentativa, Aurélio busca se inteirar das coisas que a filha gosta procurando sua solidariedade. Ele, nesses momentos, partilha das interações com os adolescentes como se fossem amigos, o *brother* que usa as mesmas gírias; contudo, não deixa de dar-lhes conselhos confirmando o que Pereira & Bastos (2002:175) afirmam sobre as relações de afeto, poder e solidariedade como sendo extremamente complexas, pois a presença do afeto ao mesmo tempo que pode criar proximidade, também pode possibilitar o exercício do controle e do poder.

## 8.2

### Discussão sobre os resultados das entrevistas

#### 8.2.1

##### Aurélio

A construção da identidade paterna de Aurélio está presente em diversos momentos da entrevista e pude perceber que sua experiência passa pela questão da renúncia àquele que se constrói pelo amor e cuidado ao outro. Considerei importante para este estudo a constatação de que a participação ou não do pesquisador é altamente significativa para os resultados que se pretende. A primeira pergunta que lhe fiz foi objetiva, ‘o que é ser pai para você’, e ele respondeu objetiva e sucintamente; diante de tal objetividade, pedi-lhe que me contasse casos que aconteceram com ele e suas filhas. Aí, a forma de discurso que será enfatizada nos relatos é a visão das respostas como histórias narrativas.

O fato de histórias aparecerem com tanta frequência nas respostas de Aurélio, fortalece a visão de alguns teóricos (conforme visto no capítulo 3) de que as narrativas são uma das formas cognitivas e lingüísticas por meio das quais os indivíduos tentam se organizar e expressar significado; Linde (1993) afirma que histórias de vida expressam nosso senso de quem somos, como nós nos tornamos dessa forma e de como negociamos isso com os outros.

E mais, nós usamos essas histórias para pedir ou negociar participação no grupo e demonstrar que nós somos de fato membros legítimos desse grupo, entendendo e seguindo corretamente seus padrões morais. Aurélio deixa isso bastante claro quando, fazendo uso de um elemento da narrativa, o tempo, afirma que se passou um tempo e a filha não havia se esquecido de uma experiência que haviam vivido; e finaliza sua história avaliando positivamente que cumprira com seu papel de pai protetor ao incutir na cabeça da filha que poderia contar com ele sempre.

Outro ponto interessante neste estudo é retomar Mishler (1995) ao afirmar a importância do entrevistador, Aurélio, em determinado momento da narrativa de sua história com as filhas, deixa de fazer uso do pronome ‘eu’ para usar ‘a gente’, como uma maneira de me incluir (pesquisadora/participante) nos seus relatos. No

entanto, ao retomar sua reflexão sobre as diferenças entre pais modernos e antigos, e narrar sua história com seu pai, deixa de me incluir a fim de garantir a coerência de sua narração.

Ao comparar o pai moderno com o antigo, Aurélio torna relevante o foco em si próprio, o moderno é como ele se vê e o antigo é o próprio pai. Aqui ele deixa bem claro que a característica mais forte dessa diferença passa pela questão da autoridade e acrescenta o respeito e a liberdade das crianças de hoje como diferenciais da relação entre pais e filhos. Como se a liberdade que se permite aos filhos hoje impedisse a hierarquia que havia antigamente e era garantia de respeito.

### 8.2.2

#### As filhas

É fato que as famílias têm mudado significativamente as relações de hierarquia e afeto entre seus membros e é notável o novo papel de pais e filhos, que afetou profundamente a organização da família e as expectativas de cada um sobre o que esperar do outro e como agir nas interações. Isto ficará claro a seguir nos relatos de Ana Clara e Mariana ao falarem de como se vêem, como vêem seus pais e suas relações dentro da família.

Retomando a análise das respostas de Ana Clara, é interessante observar que, apesar da proposta ter sido para ela falar um pouco de si própria, a garota hesita, deixando entrever a dificuldade de falar de si mesma; contudo, na sequência, resolve falar de si na relação com o outro e, somente então, se constrói como aquela que *enfrenta* o pai, que acredita no que acredita, que gosta de provar seu ponto de vista e não aceita que o pai lhe imponha suas idéias. Aí fica fácil construir a identidade paterna, num primeiro momento ainda em relação a ela, como aquele que não a deixa provar seu ponto de vista, mas, em seguida, como uma característica geral: aquele que quer estar sempre certo.

Quando lhe pedi que falasse de sua mãe, Ana Clara constrói a identidade materna a partir da relação que elas têm e o fato de ser muito diferente da relação que tem com o pai. A mãe é também aquela que convence o pai a deixá-la sair com os amigos e que a conhece o suficiente para saber que não há motivos para a

implicância paterna. Ainda na tentativa de traçar a identidade materna, a garota compara a relação que tem com sua mãe com a relação que as amigas têm com as mães e cita o exemplo de uma amiga que quase não tem contato com a mãe e afirma achar isso muito estranho.

Por fim, as qualidades como *divertida, engraçada e legal* são apresentadas como adoráveis na voz animada das amigas e de todo mundo. Essas qualidades representam razão para que ela conclua que todo mundo acha legal a relação das duas. É notório que a garota se preocupa em construir a identidade da mãe como sendo ‘a legal’ e retoma a questão da relação entre elas como sendo muito mais próxima do que a sua com seu pai, mas em seguida se questiona se não é assim na maioria das famílias nas quais a relação com a mãe é sempre mais próxima que com o pai.

Ao passarmos às respostas de Mariana, é interessante observarmos que, diante do questionamento que lhe fiz de como vê sua relação com seu pai e do pedido de que contasse casos envolvendo os dois, a garota inclui em sua fala qualidades positivas e negativas que dizem respeito à relação pai e filha, essas qualidades servirão para que as construções identitárias surjam sempre na relação entre eles, pelas qualificações de si mesma, do pai, e pelas atividades e/ou atos de fala do outro.

Mariana fala que sua relação com seu pai é tranqüila principalmente agora que já está com 19 anos; aqui, fica claro que ela não pretende indicar surpresa ou indignação como Ana Clara o fez ao afirmar que já tem 16 anos, e, portanto, pode sair de casa com os amigos, mas justificar que já está mais madura para ter um relacionamento melhor com o pai. Ela afirma que *normalmente* se dá bem com o pai, mas diante de uma qualidade negativa encontrada nele, usa termos com os quais procura amenizar o peso da negatividade deixando claro que ela não deixa de apresentar aquilo que qualifica como sendo negativo, mas terá sempre o cuidado de proteger a face do pai. (cf. Goffman, 1980 *apud* Pereira, 2002:16).

A fim de exemplificar o companheirismo do pai, recorre às narrativas no estilo das crônicas do ponto de vista de Linde (1993), mantém o foco nas personagens e no que faziam juntos; e, para finalizar sua construção de pai, retoma o que considera mais importante na figura do pai, aquele que está sempre tentando agradar *a gente*.

Quando solicitada a falar de si mesma, de sua mãe e da relação entre as duas, Mariana diz achar essa pergunta difícil, pois acha complicado falar de si mesma; no entanto, o que se percebe quando ela resolve se caracterizar é que vai fazê-lo em relação ao *self*, usado aqui conforme Schiffrin (1996:308-310 ap. Pereira, 2002:17) ao retomar Goffman “...como sendo nosso sentimento de quem somos, em personalidade e socialmente no micronível de análise.” No que se refere a falar de si própria, é interessante notar que ratifica Goffman segundo o qual “os processos de micronível ajudam-nos a organizar e dar sentido aos nossos comportamentos do dia a dia e ajudam a nos prover o sentimento de *self*”. Mariana deixa claro em sua fala que o fato de ser assim tão ansiosa, identidade adotada, faz com que ela tenha estabilidade ao decidir-se por sua carreira como algo que só pode estar voltada para ajudar os outros.

Observe-se que Mariana, ao se propor a uma construção identitária da figura materna, embora se utilize de um adjetivo que a qualifique fisicamente: *linda, muito linda*, vai ressaltar outras características que irão suplantar o que acaba de dizer; na verdade, não é o fato de haver uma correspondência ou não com a realidade que vai ser importante para a construção identitária da mãe, o que é realmente significativo vem marcado em seu discurso pelo uso de verbos como: ajudar, resolver, ouvir, fazer a gente feliz.

Para finalizar, pretendo salientar mais especificamente a noção de afeto, que perpassa toda a fala de Mariana. Para este estudo, é interessante ressaltar que o afeto também está relacionado ao conceito de *self*, à necessidade dela em manter a face positiva. Falando hipoteticamente sobre um possível pedido para sair no sábado, Mariana diz que a reação do pai seria mais firme que a da mãe, chegaria até a deixá-la chateada pelo modo como ele fala; mas, ainda assim, não diz que a mãe é melhor ou pior que o pai porque não dá bronca, mas afirma que a mãe o faz de uma forma diferente, com jeito.

Aqui, considero importante retomar Tannen (2003), segundo a qual, no emprego das estratégias discursivas, há uma relação paradoxal entre poder e solidariedade; e, embora essas relações de proximidade e distanciamento sejam vistas inicialmente como opostas, uma acarreta a outra.

### 8.3

#### **Construções sociais e discursivas da família**

Para finalizar essas reflexões, detenho-me em conceitos de alguns autores como Sarangi (2006), Snow (2001), Tannen (2003), Bucholtz & Hall (2005) sobre família, identidades pessoais e sociais, e nas construções que Mariana e Ana Clara trazem de identidades sociais e discursivas de família(s) de seus amigos.

É indiscutível o fato de que as famílias têm passado por imensas modificações nos últimos tempos, tais como a possibilidade de vários casamentos, o reconhecimento legal das uniões estáveis, ou ainda as diferentes formas que as famílias modernas vêm apresentando. Contudo, como veremos a seguir, os valores constituintes e identitários de família também estão em mudança. A seguir, veremos como Ana Clara e Mariana constroem identidades sociais e discursivas de famílias de seus amigos, em contraponto com a família a que pertencem, assumindo o posicionamento do ‘eu’ e do ‘outro’.

#### **8.3.1**

##### **Diferentes configurações de família**

Diante do pedido para que elas falassem um pouco sobre seus amigos e da relação deles com seus pais; e, minha expectativa fosse que inicialmente surgissem construções identitárias de alguns deles, Ana Clara inicia seu discurso orientando para a construção das identidades sociais e discursivas de família(s) de seus amigos, tomando como contraponto sua própria família e assumindo claramente o posicionamento do ‘eu’ e do ‘outro’.

Desde o primeiro momento, a garota apresenta seus amigos como tendo pais separados e traz para o discurso seu alinhamento de estranheza frente à situação de seu melhor amigo só ver o pai a cada quinze dias, apesar de morarem na mesma cidade, além do fato de que isso, que deveria ser uma rotina, pode ser alterado por qualquer compromisso surgido, quando, então, passa até um mês sem ver o pai.

Segundo o discurso de Ana Clara, moram só o amigo e sua mãe, trazendo a moradia como caracterização necessária quando se fala de pais separados; no entanto, e apesar de mãe e filho terem uma boa relação, não há conversa entre eles. Aqui Ana Clara afirma, e isto será retomado a todo momento que fala de seus amigos, o que para ela é, neste discurso, uma identidade de família: não tanto o fato de os pais serem separados, mas a constância de seus encontros e a prática das conversas entre eles.

O que vai realmente causar estranheza à garota é o fato de os valores familiares, como o conhecimento da identidade de cada membro da família (ainda que pequena) não ser compartilhado.

Numa outra situação apresentada, agora uma amiga, Ana Clara fala de uma garota cujos pais também são separados, mas que mora com o pai, a madrasta e os filhos desta. E, embora more com um casal e seus filhos, muito parecido com o modelo de família tradicional, quase não convive com eles, sua rotina é totalmente individualizada; e ainda que use o termo família para essa configuração, ao fazer uma comparação com a situação da garota quando morava com a mãe e a irmã, afirma que ela passava mais tempo com a família, prática valorizada por Ana Clara para destacar o que considera fundamental na caracterização familiar.

Novamente, afirma sua estranheza, agora com o fato de a mãe da amiga estar morando longe dela e com o fato de alguém conseguir viver sem interagir com as pessoas da casa; daí concluirmos que, neste momento, o conceito de Ana Clara sobre família não passa pela constituição física – casal e filhos – nem tampouco pelos valores materiais, mas pelo compartilhamento diário de práticas e rotinas.

A seguir, temos mais dois exemplos de família, um amigo, cujos pais são separados, o pai mora em outra cidade e o garoto só o vê de vez em quando; vivem somente ele e a mãe e não tem uma relação boa com nenhum dos dois; e, apesar de serem apenas ele e a mãe, brigam muito.

Na seqüência de seu discurso, Ana Clara fala de outra amiga que, embora tenha pais separados, o pai mora em outra cidade e não se verem quase nunca, a amiga mora com a mãe, a prima, o primo, a tia e o tio; Ana Clara não se alinha conflituosamente declarando estranhamento, pois a garota fala que quase não teve

pai, chama-o pelo nome e diz que para ela, seu pai é o tio com o qual convive. Logo, essa amiga apresenta um valor imprescindível para identificar uma família, mantém uma boa relação e afetividade.

Finalmente, encontramos duas famílias com as quais Ana Clara se alinha, cujos valores são compartilhados em semelhança, os pais são casados e moram todos juntos; no entanto, a primeira amiga briga muito com o pai, que é muito ciumento e não sabe nada sobre ela, mas mantém uma boa relação com a mãe com a qual conversa e para quem conta tudo. A segunda amiga citada também mora com os pais e conversa tudo com eles.

Para finalizar o relato de Ana Clara, é importante ressaltar que a garota, assumindo o posicionamento do ‘eu’ e do ‘outro’, reconhece os diferentes modelos familiares e diferentes práticas discursivas compartilhadas entre os amigos. A fim de ressaltar as diferenças a que se refere, retoma o fato de haver ou não conversa em casa e reforça seu argumento de que, se de seu ponto de vista, o mais importante para se constituir enquanto família é o compartilhamento, o fato de os pais não saberem nada da vida do filho é um valor negativo para o relacionamento familiar. Conclui, explicitando o modelo tomado como contraponto: “Eu acho que não tem nenhuma família que seja igual à nossa, porque cada uma tem suas características.”

A entrevista com Mariana, na qual foi feita basicamente a mesma pergunta que para Ana Clara, permite-nos identificar logo de início que ela vai usar em seu discurso a noção de pertencimento e contraponto com a família a que pertence ao tratar de identidades sociais e falar de duas colegas. Mas deixa claro que seu julgamento leva em consideração o fato de serem modelos familiares bem diferentes entre si; uma amiga só tem a mãe, não tem pai ou irmãos, elas são próximas mesmo, o que seria presumível pelo fato de serem só as duas; no entanto, Mariana afirma ser mais próxima de sua mãe do que a amiga.

A família da outra amiga é um pouco mais parecida com o modelo no qual se inclui, os pais ainda são casados e todos na família fazem muitas coisas juntos. Aqui se percebe um alinhamento maior por parte de Mariana, é uma família bem parecida com a sua em grande parte das coisas, neste momento, podemos encontrar em sua fala alguns itens que Mariana considera importantes quando pensa em valores compartilhados, a noção de pertencimento, os membros da

família estarem juntos e fazerem coisas juntos, mas eles não são parecidos com a sua família em algo que considera importantíssimo: “cumplicidade, poder contar mesmo tudo pro pai e pra mãe.”

Contudo, Mariana destaca uma diferença entre a sua família e a da amiga, o fato de ela contar mais suas coisas para o irmão que “pro pai e pra mãe”, mas conclui que isso é apenas diferente. Enfim, arremata que a relação de cada amiga com sua mãe é diferente da que mantém com sua própria mãe e apresenta um valor conflitante com o que considera importante na relação mãe/filha: a intimidade.

## 8.4

### Considerações Finais

Embora a família seja o espaço no qual se constroem as primeiras relações, teoricamente e em geral, desejadas, é o local onde os conflitos entre as identidades mais se destacam, principalmente quando estudados na fala-em-interação.

A análise dos dados como um todo, momentos de interação e entrevistas de pesquisa, deixam claro que existe uma relação complexa entre a construção da própria identidade, as identidades sociais e as expectativas de pais e filhas nos momentos de interação. Isso nos permite concluir que a família é realmente um núcleo de hierarquia e poder, ainda que o afeto e a solidariedade estejam presentes permeando essas relações.

É freqüente encontrarmos eventos nos quais os participantes interagem discursivamente criando situações de progressão emocional que acabam em conflito. Isto ficou evidente nos enfrentamentos de Ana Clara e Aurélio; mas também evidenciou o alinhamento entre Mariana e sua mãe na tentativa de evitar o conflito e restabelecer ou manter a harmonia familiar.

Os dados analisados destacam a relação entre Aurélio e Ana Clara como uma luta constante entre poder, distância e afeto. Fica evidente que, ao mesmo tempo em que o pai procura em vários momentos uma maior aproximação com esta filha, eles acabam, freqüentemente, em situações de confronto. É o pai que, apesar de forçado a usar atos de fala diretivos, apresenta razões que justifiquem

seu comportamento; pois não quer ser visto como o pai do poder, aquele que faz o filho sentir-se um subordinado.

No entanto, Ana Clara não aceita a autoridade paterna e o enfrenta de forma ostensiva; não obstante os esforços por parte dele em procurar sua solidariedade em muitos momentos. Nessas tentativas, Aurélio busca se aproximar da filha, levando-a a shows com suas amigas, coisa que nem todos os pais se dispõem a fazer, mesmo aqueles que convivem com os filhos; compartilha de suas conversas usando termos que os aproximam; interessa-se pelas músicas que elas gostam.

Mas, ainda que busque essa aproximação tão desejada pelo protótipo do pai moderno, o que ele próprio afirma ser em vários momentos de sua entrevista, ele é o pai e não deixa de fazer uso dessa prerrogativa ao dar conselhos às meninas quando elas dizem que vão comprar ingressos de cambistas. O que se percebe, enfim, é que Aurélio não quer reproduzir o modelo paterno que ele próprio vivenciou, com um pai autoritário que o fazia sentir-se um subordinado; ainda que precise agir com autoridade algumas vezes.

Ele deixa claro que a sua construção da identidade paterna passa pela questão da renúncia, daquele que se constrói pelo amor e cuidado ao outro; cuidado que se justifica, inclusive, ao tentar impor sua autoridade perante as filhas. Contudo, nesses momentos, segundo as filhas, ele não consegue se despir da couraça herdada do próprio pai como aquele que quer estar sempre certo, que não fala com jeito ao tentar impor sua autoridade.

É possível verificar, ainda, que, apesar de Ana Clara e seu pai vivenciarem momentos conflituosos, pois ela quer ter liberdade de escolhas e não aceita a relação de poder entre pai e filha, ela diz terem uma boa relação, eles riem e brincam juntos, há momentos compartilhados.

Deve-se ressaltar o que para ela é indispensável quando se pensa em identidade familiar; família não é apenas a constituição física: um casal e seus filhos, os valores materiais; mas o compartilhamento diário de práticas e rotinas. Talvez isso justifique o estranhamento que a garota diz sentir diante de outros modelos familiares; na verdade, para Ana Clara não é o modelo de família que realmente importa, mas a relação entre os seus membros.

Mariana, a filha mais velha do casal, também evidencia seu desejo de ter liberdade de escolhas; mas, nos momentos de interação, age sempre de maneira a evitar conflitos; ela, na verdade, negocia o poder paterno. Quanto às novas construções familiares, evidencia seu posicionamento dizendo que os relacionamentos tomados por ela como exemplo, não são piores que o seu, são apenas diferentes. E, diante das diferenças, valoriza o seu modelo em contraponto com os outros dizendo que no seu há cumplicidade em poder contar tudo aos pais e maior intimidade com a mãe. Isso talvez justifique sua postura de alinhamento com a mãe sempre no sentido de garantir a harmonia familiar.

É fato que Mariana e Ana Clara colocam em questão as relações de poder do pai em sua família, mas rejeitam outras construções familiares, principalmente as de pais separados, em que se estabelecem outros tipos de relações entre pais e filhos.

As garotas reconhecem, portanto, os diferentes modelos familiares e as diferentes práticas discursivas compartilhadas entre amigos: há aqueles que não conversam nunca com os pais, há os que conversam apenas sobre coisas sem importância deixando de compartilhar sua vida com eles, falta-lhes efetivamente compartilhamento e intimidade, como diz Mariana: proximidade e cumplicidade. Penso que aqui reside o ponto mais importante dos relatos das garotas, elas não rejeitam o fato de os pais de seus amigos serem separados, mas, sobretudo, o fato de não haver por parte desses pais uma relação de cuidado para com os filhos.

Assim, parece não haver dúvidas de que as identidades pessoais, sociais e discursivas, dialogam com ambas as perspectivas macro e micro-sociais. Apresentam, ao mesmo tempo, características macro, que permitem agrupar os membros, reconhecê-los e descrevê-los em categorias macro-sociais, através do acesso a conhecimentos pessoais e sociais, e as particularidades que os tornam únicos a cada interação.

Finalizo este estudo destacando a importância de se discutir as novas configurações familiares, ressaltando a necessidade de haver um maior entrosamento entre as várias áreas do conhecimento que se propõem a repensar os novos modelos familiares, principalmente no que diz respeito ao micro-nível de análise.

Destaco, ainda, a relevância que teve para este trabalho a perspectiva que adotei de ser pesquisadora e participante, não apenas observadora presente, mas alguém que co-constrói a interação, o que acredito haver encurtado a distância entre mim e meu objeto de estudo. Deste modo, o discurso que aqui apresento foi analisado e vivenciado por mim.

Acredito haver um potencial riquíssimo no discurso de profissionais que escrevem *sobre* os novos modelos familiares; contudo, os estudos que se preocupam com os discursos *durante* as interações familiares e as relações que se mantêm dentro desses novos modelos, têm-se mostrado altamente enriquecedores e merecem constantes retomadas, pois podem apresentar diferentes formas dependendo do momento histórico e dos objetivos do pesquisador.

Por fim, os resultados da análise deste trabalho revelam a importância dos estudos interacionais da vida na família como suporte para nosso entendimento dos conflitos que se estabelecem entre determinados membros da família em eventos interacionais e pressupõe subsídios e resultados para que se possa refletir sobre as interações familiares auxiliando na compreensão da construção das identidades sociais e discursivas e, principalmente, nas relações de conflito e de negociação que permeiam a família em processo de mudança.